

**UMA INVESTIGAÇÃO DA INQUIETUDE DO HOMEM A PARTIR DA OBRA  
CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO E DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR  
NA OBRA *FINITUD Y CULPABILIDAD***

**Lucas Aurélio Coslop <sup>1</sup>**

**Prof.º Drº José Pedro Luchi <sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O tema sobre a inquietude do homem perpassa toda a história da humanidade. Muitos pensadores buscaram compreender como ocorre esse fenômeno existencial dentro do homem e como chegar à plenitude da satisfação. Esse artigo tem intuito de ampliar a investigação acerca da inquietude presente no homem e realizar uma análise filosófica no que concerne ao comportamento do homem contemporâneo frente à suas inquietações tendo por base o pensamento de Santo Agostinho (354-430) e Paul Ricoeur (1913-2005). Esse artigo tem como base a obra *Confissões* (2015) de Santo Agostinho, por ser um dos pensadores do período da patrística, que muito contribuiu para o entendimento do coração inquieto do homem, e a obra *Finitud y culpabilidad* (2004), de Paul Ricoeur, que versa sobre a dualidade sentimental como fragilidade afetiva. É importante realizar essa análise para que o homem possa ser melhor compreendido em sua necessidade de realização pessoal. Para isso, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, que permitiu debater os conceitos primordiais para a reflexão sobre a inquietude do homem. A fragilidade afetiva demonstra a dualidade do sentimento humano como indício de diferenciação entre prazer e felicidade, que busca a harmonização.

**Palavras-chave:** Inquietude. Coração inquieto. Fragilidade afetiva. Dualidade afetiva. Prazer.

## **ABSTRACT**

The theme of man's restlessness runs through all of human history. Many thinkers have tried to understand how this existential phenomenon occurs within man and how to reach full satisfaction. This article aims to broaden the investigation about the restlessness present in man and to perform a philosophical analysis concerning the behavior of contemporary man when facing his restlessness, based on the thought of St. Augustine (354-430) and Paul Ricoeur (1913-2005). This research is based on Saint Augustine's *Confessions* (2015), for being one of the thinkers of the patristic period, who contributed a lot to the understanding of man's restless heart, and Paul Ricoeur's *Finitud y culpabilidad* (2004), which deals with sentimental duality as affective fragility. It is important to perform this analysis so that man can be better understood in his need for personal fulfillment. To do so, a bibliographic research was used, which allowed

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano - Unisales. E-mail: lucascoslop@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros (1979). Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Minas Gerais (1985). Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universita Gregoriana (1989). Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universita Gregoriana (1999). Professor no Centro Universitário Salesiano - Unisales. E-mail: luchi-jp@hotmail.com

us to discuss the primordial concepts for the reflection on man's restlessness. Affective fragility demonstrates the duality of human feelings as an indication of the differentiation between pleasure and happiness, which seeks harmonization.

**Keywords:** Restlessness. Restless heart. Affective fragility. Affective duality. Pleasure.

## 1 INTRODUÇÃO

A inquietude do homem é um dos temas que a filosofia, no decorrer da história, tem o intuito de explicitar e encaminhar soluções. Agostinho é um importante pensador, que ganhou destaque no período medieval e continua relevante. Em sua autobiografia intitulada de *Confissões*, versa sobre o *cor inquietum*, isto é, o coração inquieto do homem. É no coração que o homem encontra sua inquietação.

Nas *Confissões* Agostinho retrata tanto as tensões entre forças da alma, do homem como a experiência da libertação da fatalidade dos acontecimentos e das inquietações. A obra não proclama a libertação de apenas um homem ou muitos, mas de todos. A liberdade não é simplesmente atribuída, mas conquistada pelo esforço do homem de libertar-se. “Mas Vós amais a verdade e por isso quem a pratica alcança a luz. Quero também praticá-la, confessando-vos a Vós no meu coração e a um grande número de testemunhas nos meus ouvidos” (AGOSTINHO, 2015, p. 237).

Torna-se indispensável o desprendimento, pois o coração do homem está inquieto, até repousar na verdade. Com o cristianismo, os filósofos medievais não se utilizavam mais de teorias empíricas, mas recorriam à fé e à razão, ambas agora unidas para poder chegar à causa das coisas, ou seja, Deus. Os padres da Igreja são responsáveis por vários e importantes escritos durante o período da patrística, e um grande nome é o de Agostinho, um dos principais contribuintes do período, onde, com sua excepcional inteligência, pôde colaborar com seus mais diversos escritos.

A obra *Finitud y culpabilidad* do filósofo francês Paul Ricoeur tem potencial para reflexão sobre a inquietude no coração do homem, realizando uma analogia com o pensamento de Santo Agostinho, em que será possível uma investigação sobre a inquietude do homem presente na tensão entre a dualidade do prazer e da felicidade.

Este artigo se divide em três momentos. No primeiro momento, é realizada uma conceitualização do termo *inquietude* a partir da história de vida de Agostinho como busca inquieta, trazendo aspectos da própria obra *Confissões*. No segundo momento, é analisada a

conversão como sendo uma experiência harmonizadora da alma do homem. Para isso, Agostinho contribui com um diálogo na obra *Sobre a vida feliz*. Por fim, no terceiro momento será feita uma leitura do *cor inquietum* a partir do filósofo francês Paul Ricoeur.

A escolha do tema parte de uma reflexão profunda acerca da inquietude do homem e que tem potencial para contribuir na área acadêmica, social e profissional. No âmbito acadêmico, a pesquisa aborda uma nova maneira de compreender a pessoa humana através da comprovação teórica, tendo o intuito de poder colaborar com o campo intelectual e ainda com outros campos na dimensão humana. No âmbito social, irá colaborar com a compreensão a respeito da pessoa e de seu comportamento. A investigação se faz importante de acordo com seu impacto frente ao seu objetivo. Sendo assim, a discussão sobre o tema escolhido pode ter impacto na compreensão e convivência entre seus iguais. No âmbito profissional, discutindo sobre o comportamento humano, a pesquisa poderá contribuir para o aperfeiçoamento da compreensão dos pressupostos de equilíbrio do homem. Além disso, o estudo sobre a inquietude do homem servirá para aperfeiçoamento pessoal e social, podendo ainda colaborar com as áreas da filosofia, da psicologia e do direito.

O objetivo dessa pesquisa é realizar uma investigação acerca da inquietude presente no homem, explicitando uma analogia entre o pensamento de Santo Agostinho e de Paul Ricoeur. Dessa maneira, algumas considerações que já se encontram postas e o desenvolvimento da pesquisa tem base em pensamentos já estabelecidos. De acordo com Minayo (2003, p. 16), “Entendemos por *metodologia* caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas [...]”.

Por se tratar de uma linha de pesquisa fundamentada em argumentos filosóficos, a metodologia aplicada é de cunho bibliográfico com intuito de aprimorar os conceitos. Sendo assim, a pesquisa é desenvolvida com base no pensamento de Santo Agostinho e Paul Ricoeur, bem como de comentadores relevantes.

Sendo assim, diante do atual cenário, o homem é levado a refletir: como compreender a inquietude no coração do homem; até que ponto essa problemática é relevante para o homem de hoje e os possíveis caminhos para uma experiência de plenitude? É a partir dessa problemática que a presente pesquisa aborda o comportamento do homem com o objetivo de compreender a inquietude em sua plenitude e originalidade, através de propostas filosóficas, a começar pela contextualização do termo *cor inquietum* e em seguida elaborar uma reflexão sistemática/filosófica e hermenêutica.

## 2 O CONCEITO DE INQUIETUDE EM SANTO AGOSTINHO

### 2.1 A HISTÓRIA DE VIDA DE AGOSTINHO COMO BUSCA INQUIETA

Nascido em Tagaste no ano de 354, Agostinho teve sua formação acadêmica voltada para a retórica e sua formação cultural foi realizada inteiramente em latim, sobretudo na leitura da obra *Hortensius* de Cícero. “[...] Cícero foi para ele, por muito tempo, modelo e ponto de referência essencial” (ANTISERI; REALE, 2017, p. 445). Seu pai foi pagão durante toda a sua vida, mas se converteu no leito de morte. Sua mãe se chamava Mônica, cristã fervorosa e rezou pela conversão de seu filho Agostinho por cerca de trinta anos. Estudou em Tagasta, Madaura e Cartago. Foi fiel amante de sua concubina por cerca de quinze anos.

Convencido por seus estudos de que a verdade era o objetivo da vida, em um primeiro momento, Agostinho rejeitou o cristianismo porque via nele uma religião para pessoas de mentes simples. Agostinho se junta ao maniqueísmo, do qual fora seguidor por muitos anos com o objetivo de entender as suas inquietações e com o desejo de encontrar a verdade. O maniqueísmo provocou em Agostinho ser ascético e espiritualizado. No entanto, o maniqueísmo não conseguiu satisfazer o desejo de Agostinho de encontrar a verdade definitiva. No livro III da obra *Confissões*,

Caí assim nas mãos de homens orgulhosamente extravagantes, demasiado carnais e loquazes.

Havia na sua boca laços do demônio e um engodo, preparado com a mistura de sílabas do vosso nome, do de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Paráclito consolador, o Espírito Santo.

Jamais estes nomes se lhes retiravam dos lábios, mas eram apenas sons e estrépito da língua. O seu coração estava vazio de sinceridade. Diziam: “Verdade e mais verdade!” Incessantemente me falavam dela, mas não existia neles (AGOSTINHO, p. 70-71, 2015).

Em 383, Agostinho se desliga dos maniqueus e abraça a filosofia cética, segundo a qual o homem deve duvidar de todas as coisas, pois de nada se pode ter o conhecimento verdadeiro (ANTISERI; REALE, 2017). Entretanto, renunciou ao ceticismo por não conseguir encontrar sentido devido na evidência imediata dos fatos e as verdades lógicas. Quando obtém a docência em Milão, Agostinho vive momentos que foram importantes e que tiveram papel fundamental para a sua conversão ao cristianismo: o acesso às obras paulinas, os encontros com Ambrósio (bispo de Milão) e as leituras das obras neoplatônicas traduzidas do grego para o latim.

Tampouco conseguiu encontrá-la no neoplatonismo. Embora seja considerado um pilar do paganismo, diversos cristãos foram inspirados pelo neoplatonismo, inclusive Ambrósio

deixaram marcas profundas na teologia cristã. No cristianismo, o Uno plotiniano é correspondente a Deus Pai, o Nous ao Filho e a Alma ao Espírito Santo.

Ao se converter, Agostinho se torna um fervoroso cristão e, tendo retornado à África, foi escolhido como bispo de Hipona e uma das maiores mentes do período da patrística e da Idade Média. Em sua obra *Confissões*, discorre sobre as experiências que viveu, desde seu paganismo até a sua conversão e com isso desenvolve um novo jeito de fazer filosofia baseado na fé e na iluminação divina, mas não abandona a razão.

## 2.2 A INQUIETUDE NA OBRA *CONFISSÕES*

No livro I de *Confissões*, Agostinho se revela como criatura humana que é, por natureza, inquieta e em constante busca pelo repouso em seu Criador. Aquilo que torna o homem inquieto é o desejo, a vontade. Afirma, no livro I, que Deus está dentro do homem e que o coração humano não cessa de tamanha inquietude até um dia conseguir repousar no criador divino, em Deus (AGOSTINHO, 2015). No livro X, encontra-se à vontade sob a influência da graça divina. Nesse momento, Agostinho deseja encontrar-se com o criador. Então Agostinho busca Deus através da memória. Discorrendo sobre esse mundo interior que é a memória não consegue, portanto, encontrar-lhe os limites. Embora a memória não possua limites para chegar a Deus, Agostinho percebe que deve transcender a razão humana para relacionar-se afetivamente com Deus.

No entanto, a criatura permanece em estado de criatura, vulnerável às concupiscências que a circundam constantemente. Assim, dialoga com o seu criador, expondo a sua fragilidade humana.

Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria [...] (AGOSTINHO, 2015, p. 265-266).

Nesse sentido, Agostinho afirma que sua alma é o lugar da habitação de Deus (*Locus Dei*). É com a transformação de sua alma que Agostinho reconhece a presença divina dentro de si. Entretanto, se não ocorre uma purificação na alma, não se é capaz de aproximar-se de Deus. Agostinho afirma que tem esperança de superar a inquietude em sua alma a partir da graça recebida no ato de confessar, que está no reconhecer o seu erro. Danilo Andreatta (2014, p. 52) diz que “O ato de confessar não implica no esclarecimento de algo que Deus não saiba. [...] De modo que na confissão, ressalta-se ao mesmo tempo a misericórdia divina”.

Ao escrever as Confissões, Agostinho reconhece a miséria da sua carne frente à misericórdia de Deus como indicação para o fim de sua inquietude. Sua obra é um humilde diálogo com Deus e assim, pode então retornar a Ele através de sua própria alma. Segundo Boehner e Gilson (2008, p. 151), “Agostinho jamais pensou em divorciar a teoria da prática. Sua filosofia é uma interpretação de sua própria vida. E esta se resume numa busca ininterrupta de Deus”. Em Agostinho, a inquietude do homem nasce do fato da criatura sentir uma nostalgia pelo seu criador e busca querer unir-se, entretanto, ao mesmo tempo sente que é incapaz devido sua fragilidade humana.

No livro I, Agostinho manifesta *in confesso* que dentro de si sente o desejo de repousar em seu Criador. Diz: “Quem me dera que viésseis ao meu coração e o inebriásseis com a vossa presença, para me esquecer de meus males e me abraçar convosco, meu único bem!” (AGOSTINHO, p. 30, 2015).

Agostinho sentia-se atraído cada vez mais por Deus. A busca inquieta pela verdade era o caminho que ele percorria para poder se converter. O fato de se encontrar com Deus somente poderia ser atingido através da verdade e do desejo de apossar-se do Sumo Bem. Para que isso pudesse se realizar ele começaria a desprezar os atrativos do mundo, as honras, a fortuna. Ele aspirava outros bens menos frágeis, e mais duradouros. Instalava-se, em seu interior, a luta entre duas vontades: uma espiritual e outra carnal. Uma que elevava a alma para Deus, procurando uma sincera conversão, e outra que o atraía para baixo, para o mundo, entendido como lugar de perdição e paganismo.

Agostinho teve uma conversão bem diferente da maioria dos santos. Sua conversão passou por um processo diferente, um processo existencial-intelectual. Foi em Milão que começou a encontrar as respostas que tanto buscava acerca da verdade. Esteve entre os maniqueus porque havia decidido, desde quando leu a obra *Hortênsius*, de Cícero. Os maniqueus falavam sobre a verdade, mas não conseguiam apresentá-la para Agostinho. Depois começou a seguir os acadêmicos, mas só fez com que se aprofundasse no ceticismo e não se encontra a verdade. Quando finalmente começou a buscar e rompeu a barreira do ceticismo.

Mas o que de fato significa o termo inquietude que Agostinho versa na obra? No livro I, Agostinho (2015) faz referência aos homens como sendo uma minúscula partícula de toda a criação. O homem é incitado pelo seu Criador a elevar louvores a Ele, pois é quem o criou e que seu coração vive em constante inquietude até que um dia consiga repousar n’Ele.

No livro II, Agostinho versa sobre as torpezas e as depravações carnis passadas de sua alma, não porque ele se orgulhe, mas para poder aproximar-se de seu Criador.

Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definhou-se e apodreci a vossos olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens (AGOSTINHO, 2015, p. 51).

O homem é um ser defeituoso se observado do ponto de vista puramente animal. Os animais dispõem de tudo o que precisam: comida, abrigo, sexo. O homem também pode possuir tudo isso, mas a insatisfação é uma constante em sua vida. A conquista de um bem deste mundo pode até proporcionar felicidade, mas ela sempre será incompleta e passageira. Agostinho busca encontrar o sentido de sua vida, em primeiro momento nas coisas do mundo, nas coisas corruptíveis, fora de si mesmo. Porém, mesmo que, por certo momento sintam-se realizados, mais tarde se deparará com um vazio e ficará insatisfeito. De nada adianta se o homem buscar nas coisas materiais a pureza, pois o que é puro e transparente é somente o Criador. “É assim que a alma peca, quando se aparta e busca fora de Vós o que não pode encontrar puro e transparente, a não ser regressando a Vós de novo” (AGOSTINHO, 2015, p. 60).

Desse modo, Agostinho continua a sentir-se inquieto e volta sua busca para dentro de si, em seu coração. O homem foi feito por Deus e para Deus, e sua alma não descansa enquanto não repousar n’Ele. Porém, o homem é um ser contido de desejos e paixões que o incitam a buscar realizar as concupiscências. O termo *concupiscência* (em latim: *Concupiscentia*) remete à definição do prazer, é o desejo do prazer. Pode-se experimentar prazer tanto por um bem espiritual, quanto por um bem sensível. O prazer espiritual pertence somente à alma e o prazer sensível pertence à alma e ao corpo juntamente. Para Platão, a alma é tripartida em racional, que correspondente à cabeça e que se liga na figura do filósofo; irascível, que correspondente a parte mediana do corpo e caracteriza a coragem como uma virtude do guerreiro; e concupiscente, caracterizada pelo desejo, pelas paixões e pelos prazeres.

Agostinho, no livro II (2015, p. 51-52), leciona que

[...] nas relações de alma para alma, não me continha a moderação, conforme o limite luminoso da amizade, visto que, da lodosa concupiscência da minha carne e do borbulhar da juventude, exalavam-se vapores que me enevoavam e ofuscavam o coração, a ponto de não se distinguir o amor sereno do prazer tenebroso. Um e outro ardiam confusamente em mim. Arrebatavam a minha idade ainda frágil despenhadeiros das paixões e submergiam num abismo de vícios.

O livro I da obra *O Livre Arbítrio* (2019), coloca o problema da origem do mal e apresenta a forma com que Agostinho conseguiu identificar o mal com a própria paixão, o que vai chamar de libido. Essa paixão é definida como um movimento irracional da alma do homem e que é

comum com os animais selvagens. Entretanto, as paixões primitivas e instintivas não são as únicas responsáveis pelas más ações do homem. Porém, existem características que são propriamente humanas, como aponta Emmanuel Bermon (2008, p. 201) “[...] amor à glória ou aspiração a dominar, que não encontramos nos animais selvagens e que derivam, conseqüentemente, da atividade do espírito ou da razão”.

No livro III das *Confissões*, Agostinho chega na cidade de Cartago e estava cercado pelo abismo de amores pecaminosos. E continua

Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, enraivecia-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor. Gostando de amar, procurava um objeto para esse amor: odiava a minha vida estável e o caminho isento de riscos, porque sentia dentro de mim uma fome de alimento interior – de Vós, ó meu Deus. Não tinha fome desta fome, porque estava sem apetites de alimentos incorruptíveis, porque deles transbordasse, mas porque, quanto mais vazio, tanto mais enfasiado me sentia. Por isso minha alma não tinha saúde e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis. Mas se estes não tivessem alma, com certeza não seriam amados. Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Deste modo, manchava, com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade (AGOSTINHO, 2015, p. 64).

A fome que Agostinho sente é provocada por um desejo que está em seu interior. Apesar de estar vazio do que é incorruptível, mas se sente fome ao lançar-se cada vez mais ao exterior de si mesmo. Os gregos denominavam esse movimento da alma como *πάθος* (*páthos*), ou seja, o homem está em sofrimento devido estar cedendo aos desejos da carne, às suas paixões. Os romanos denominavam como perturbações ou afeições.

Contudo, os prazeres não estão apenas na realização dos desejos humanos através da carne, mas também na alma. No livro III, Agostinho demonstra um “novo” tipo de prazer que está além da libido, mas que é buscado e só possível através da dor, e, com isso, o outro sinta compaixão, misericórdia. Então, diz:

Logo deve-se repelir a compaixão? De modo nenhum. Convém, portanto, amar, alguma vez, as dores. Porém a dor não encontra nela prazer algum [...], todavia aquele que fraternalmente é misericordioso preferia que nenhuma dor houvesse de que se compadecesse (2015, p. 66).

Agostinho faz referência às quimeras, isto é, às ficções, pensamentos fantasiosos. O homem que se alimenta de fantasias não saciará o coração e o seu desejo. Confessa que o Criador não é a alma que dá vida aos corpos, mas é a alma que dá vida a todas as almas, que é o combustível, o alimento das almas e sem esse alimento, nada vive. “Destas quimeras me alimentava eu, então, sem me saciar. [...] Quão longe estais, portanto, daquelas minhas quimeras, ficções de corpos que de nenhum modo existem!” (AGOSTINHO, 2015, p. 72).

Quando se converte, uma das coisas que mais tem dificuldade em sua conversão não é somente a questão dos prazeres, que ele versa no decorrer das *Confissões*. Após sua adesão à fé cristã, apresenta no livro II um momento que mais tarde geraria incômodo, assim como um infrator percebe a imoralidade de sua ação. Ele conta sobre a história de um ato ilícito que praticara ainda na juventude, um furto.

Havia, próximo da nossa vinha, uma pereira carregada de frutos nada sedutores nem pela beleza nem pelo sabor. Alta noite, pois tínhamos o perverso costume de prolongar nas eiras os jogos até essas horas, eu com alguns jovens malvados fomos sacudi-la para lhe roubarmos os frutos. Tiramos grande quantidade, não para nos banquetearmos, se bem que tenhamos provado alguns, mas para os lançarmos aos porcos. Portanto, todo o nosso prazer consistia em praticarmos o que nos agradava, pelo fato do roubo ser ilícito (2015, p 56-57).

No livro IV, Agostinho discorre sobre o período de nove anos de sua vida em que se dedicara aos estudos e que era cercado por muitas paixões, onde ao mesmo tempo que era seduzido, também seduzia. Agostinho sempre é visto falando muito, porém, em certo momento de sua busca pela verdade, vê a necessidade de calar para conseguir ouvir o seu coração, que antes era silenciado pela sua impecável retórica. Com isso, vê novos horizontes para o que pensava sobre os prazeres.

Recorda-se da mulher com quem conviveu seu concubinato, por muitos anos de sua vida, mãe de seu filho. Inicialmente, se tratava apenas de gozarem do corpo um do outro. Porém, com o tempo via-se um outro tipo de prazer. Não apenas o sensual, mas conjugal, tendo em vista a geração. Agostinho teve um filho com essa mulher. Seu filho se chamava Adeodato, mas faleceu ainda jovem.

Por esses anos tinha em minha companhia uma mulher que não havia sido reconhecida em matrimônio que se chama legítimo, e que fora procurada por um inquieto ardor, falho de prudência. Mas era só uma, e guardava-lhe a fidelidade do leito. Com meu exemplo, aprendi claramente, por experiência, qual é a distância que existe entre a moderação do prazer conjugal, contratado em vista da geração, e o pacto do amor sensual. Deste também nascem filhos, mas contra a vontade dos pais, se bem que, uma vez nascidos, se vejam obrigados a amá-los (AGOSTINHO, 2015, p. 84).

Contudo, Agostinho percebia novos prazeres, mais elevados, com o decorrer de sua vida e com a aproximação ao seu Criador através da busca inquieta da verdade. Em seus amigos, encontra “[...] prazeres que seduziam ainda o coração: conversar, rir, prestar obséquios com amabilidade uns aos outros, ler em comum livros deleitosos, gracejar, honrar-se mutuamente, discordar de tempos em tempos sem ódio como cada um [...]” (AGOSTINHO, 2015, p. 92). Está mostrando que existem prazeres saudáveis à alma, presentes na boa amizade, no bom relacionamento e que tais condutas tornam o coração do homem mais puro das malícias do mundo, dos desejos concupiscentes.

Em Roma e em Milão, Agostinho retrata sobre a atitude de se confessar para poder limpar, purificar o coração do homem e que, ao se prostrar em atitude *in confesso*, o homem consegue encontrar-se com Deus dentro de si mesmo, e não fora. Encontra dentro do seu coração a beatitude para sua alma e, enfim, repousa.

### 3 BEATITUDE E REPOUSO

#### 3.1 A CONVERSÃO COMO EXPERIÊNCIA DA ALMA

Agostinho lecionava retórica em Roma, quando o prefeito de Roma recebeu um pedido vindo de Milão, expressando a necessidade de serem agraciados com um professor de retórica. Agostinho solicita a oportunidade, que lhe é concedida. Ao chegar em Milão, visitou Ambrósio, bispo de Milão e “[...] conhecido pelas suas qualidades em toda a terra” (AGOSTINHO, 2015, p. 124).

Este homem de Deus recebeu-me paternalmente e apreciou a minha vinda bastante episcopalmente. Comecei a amá-lo, ao princípio não como mestre da Verdade – pois jamais esperava encontrá-la na vossa Igreja -, mas como um homem benigno para mim (AGOSTINHO, 2015, p. 124).

No devido encontro, Agostinho já não era maniqueísta e nem se denominava católico. Ele abandona o maniqueísmo fazendo uso apenas dos argumentos da razão e, desse modo, percebeu a inconsistência do maniqueísmo. Então, Agostinho não se esforçava em aprender o que o bispo Ambrósio dizia em suas reflexões, mas se impressionava no modo como fazia o uso da fala. “Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava” (AGOSTINHO, 2015, p. 125).

Para superar o maniqueísmo, Agostinho mais tarde se encontra com o neoplatonismo e ao ler as obras plotinianas, traduzidas por Caio Mário Vitorino (285 – 362), começa a ver que existe um princípio espiritual, percebe a existência das coisas incorpóreas, reorientando sua busca em sentido transcendente. O bispo Ambrósio era um cristão neoplatônico e, para os neoplatonistas, a definição de mal está ligada no que se afasta da fonte do bem.

Nesse princípio espiritual, Agostinho aprendeu dos platônicos a visão da interiorização, ou seja, de enxergar a luz da verdade, a luz natural da razão. “Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio [...] Quem conhece a verdade conhece esta luz, e quem a conhece, conhece a eternidade” (AGOSTINHO, 1997, p. 190). Agostinho está dizendo que essa luz é a luz natural

da razão, que é uma luz divina e que está presente na criação, pois é Deus que sustenta as coisas no ser, como afirma Agostinho (1997, p. 190), “[...] mas acima de mim porque ela me fez”.

No livro VIII das *Confissões*, Agostinho diz que “Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda a minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva torrencial de lágrimas” (AGOSTINHO, 2015, p. 202-203). Enquanto chorava, oprimido pela dor que sentia em seu coração devido às amarguras, ouve uma voz de criança que repetidas vezes dizia “*Toma e lê; toma e lê*” (AGOSTINHO, 2015, p. 203). Imediatamente, procurou saber se era costumeira a cantarola nas brincadeiras e, sabendo que não, reprimiu suas lágrimas, levantou-se e foi ao encontro de onde estava seu amigo Alípio, pois ali havia deixado o livro da epístola dos apóstolos. Quando abre o livro, lê o primeiro capítulo que põe os olhos, que dizia “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendias e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites” (AGOSTINHO, 2015, p. 204).

O próprio Agostinho conta que, após ler o trecho da epístola dos apóstolos, sentiu como se uma luz entrasse em seu coração e toda a escuridão que havia em seu ser e que gerava dúvida desaparecessem. “Não quis mais ler, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram” (AGOSTINHO, 2015, p. 204).

Quando ouve a voz dizendo “Toma e lê” e faz a leitura da epístola dos apóstolos, Agostinho se depara com o Sagrado, possuidor de um elemento especial, ou seja, o numinoso, que pode ser descrito como o sentimento de ser criatura perante o criador. Por estar fora de si e de seu alcance, induz ao sentimento de medo. Porém, o que está fora é maior do que “eu” e está ligado ao amor fraterno e se manifesta nas experiências mais profundas, intersubjetivas aos sentidos. A esse respeito, Rudolf Otto (2007, p. 41-42) descreve:

Trata-se de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. Ao procurar um nome para isso, deparo-me com *sentimento de criatura* - o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura [...] O “sentimento de criatura” na verdade é apenas um efeito colateral, subjetivo, é por assim dizer a sombra de outro elemento de sentimento (que é o “receio”), que sem dúvida se deve em *primeiro lugar e diretamente a um objeto fora de mim*.

Agostinho está demonstrando uma experiência filosófica, está demonstrando uma vertigem em si, mas no sentido filosófico, isto é, um descontrole emocional, uma ausência da razão, um desvario quando percebe que Deus é acessível por meio da luz natural da razão. “Ó eterna

verdade, verdadeira caridade e querida eternidade! És o meu Deus, por ti suspiro dia e noite [...] Atingiste minha vista enferma com a tua irradiação fulgurante, e eu tremi de amor e de terror” (AGOSTINHO, 1997, p. 190). Ao afirmar isso, Agostinho se encontra em estado de vertigem, por perceber a tamanha grandiosidade de Deus, que gerou medo, insegurança, pavor, mas também sentiu o amor do divino por ele.

De tal forma me convertestes a Vós que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma do século, mas permanecia firme naquela regra de fé em que tantos anos antes me tínheis mostrado a minha mãe. Transformastes a sua tristeza numa alegria muito mais fecunda do que ela desejava, e muito mais querida e casta do que a que podia esperar dos netos nascidos da minha carne (AGOSTINHO, 2015, p. 205).

Agostinho sempre foi apaixonado pela verdade, desde o início de sua vida. O caminho por ele percorrido até a sua conversão realizou-se precisamente na sua aproximação ao cristianismo.

### 3.2 VERDADE E FELICIDADE

O desejo de Agostinho está em alcançar a tranquilidade de sua alma que está em constante inquietação. Peter Brown (2020, p. 205) afirma que “Essa ênfase na queda da alma como um voltar-se para fora, uma perda da identidade, um tornar-se “uma coisa imparcial, isolada, cheia de inquietações, atenta ao fragmento, cindida do todo”, é o eco inequívoco do pensamento de Plotino. Plotino pensa a alma como sendo cósmica e sua queda é um obscuro pano de fundo da condição humana. Em Agostinho, essa queda é um acontecimento pessoal, uma fraqueza que obriga o homem a fugir de si mesmo. É um declínio que se mostra em uma série de acontecimentos em sua vida precedente (BROWN, 2020).

A conversão de Agostinho ocorre quando, ao se aproximar de Plotino, da sua estrutura metafísica e realizar uma análise, encontra a via da interioridade e do autoconhecimento. Mas quando percebe a falta de humildade dessa estrutura em reconhecer o Verbo Encarnado, retorna para a fé cristã. Segundo Plotino, o Uno é o único princípio de onde procedem todas as multiplicidades da realidade. O Uno não pode ser reduzido a um espírito universal, pois o espírito se divide em formas. Plotino “concebe o ‘Uno’ como infinito. [...] Plotino descobre o infinito na dimensão do imaterial e o caracteriza como potência produtora ilimitada. [...] Plotino coloca o seu ‘Uno’ *acima* do ser e da inteligência” (REALE, ANTISERI, 1990, p. 340). Portanto, o Uno absoluto é a causa de todas as coisas, é atividade autoprodutora, absoluta, causa de si mesmo.

O retorno ao Uno, ou seja, a unificação com o Uno é denominada por Plotino como um êxtase. “O “êxtase” plotiniano *não é um estado de inconsciência, mas sim de hiperconsciência, não é algo de irracional [...], mas sim hiper-racional. No êxtase, a alma se vê exaltada e preenchida pelo Uno*” (REALE, ANTISERI, 1990, p. 349). O retorno ao Uno por meio do êxtase se torna uma reunificação por meio da contemplação. O êxtase é a separação de tudo que é sensível, matéria ao homem. Plotino conclui:

Então, descendo da contemplação, acorda novamente a virtude que está em si mesmo, e percebendo que é, ele próprio, ornado por essas, de novo será aliviado pela virtude, dirigindo-se para o Intelecto e para a sabedoria, e, pela sabedoria, até ele. E esta é a vida dos deuses e dos homens divinos e bem-aventurados: libertação das outras coisas daqui, vida sem prazer com as coisas daqui, fuga do só em direção ao Só (PLOTINO, 2020, p. 77).

O livro IX das Confissões deixa mais claro para observar o que Agostinho sente, de que a felicidade plena está no relacionamento entre o homem e Deus. Quando estava em Óstia com sua mãe Mônica, Agostinho (1997, p. 255) diz que:

Nossa conversa chegou à conclusão de que o prazer dos sentidos do corpo, por maior que seja e por mais brilhante que seja essa luz temporal, não é digna de ser comparada à felicidade daquela vida, nem mesmo é digna de ser mencionada. Elevando-nos com o mais ardente amor ao próprio Bem, percorremos gradualmente todas as coisas corporais até o próprio céu, de onde o sol, a lua e as estrelas iluminam a terra. E subíamos ainda mais ao interior de nós mesmos, meditando, celebrando e admirando as suas obras. E chegamos assim ao íntimo de nossas almas.

Quando a alma busca o mais profundo de seu desejo, encontra Deus, o Bem Supremo. Buscar nas criaturas o seu bem foi o motivo da queda de Agostinho. Entretanto, buscar no que lhe é superior, goza de uma alegria que não tem fim.

Fazei que eu vos conheça, ó Conhecedor de mim mesmo, sim, que vos conheça como de Vós sou conhecido. Ó virtude da minha alma, entrai nela, adaptai-a a Vós, para a terdes e possuídes sem mancha nem ruga. É esta a esperança com que falo, a esperança em que me alegro quando gozo de uma alegria sã (AGOSTINHO, 2015, p. 237).

Todos querem uma vida feliz. Nas *Confissões*, Agostinho alega que, assim como todos preferem ser felizes do que infelizes, logo se prefere a verdade do que a falsidade. A felicidade está no desfrutar da verdade, ou seja, desfrutar de Deus. Aquele que ama a felicidade, ama a verdade e quem está fora da verdade não pode ser feliz.

No livro X, Agostinho aborda a ideia da memória e diz que o homem não amaria a verdade se dela não tivesse alguma noção em sua memória. “Como ninguém pode dizer que não experimentou a alegria, encontramos-la na memória e reconhecemo-la sempre que dela ouvimos falar. [...] Não a poderiam amar se não tivessem na memória qualquer noção de verdade” (AGOSTINHO, 2015, p. 262-263).

Para Agostinho, a memória é uma *potência espiritual*, que consiste no resgate das percepções tidas ao longo da vida. Sem cheirar nada, o homem é capaz de se lembrar do odor de uma rosa. Em qualquer situação, o homem pode trazer as percepções à sua mente, pois a memória está sempre escondida, esperando ser retirada desse esconderijo. A memória traz imagens e ideias de objetos que podem ser pensados, ainda que estejam ausentes ou que a realidade dos mesmos esteja distante no espaço-tempo. Agostinho salienta que algumas lembranças possuem origem empírica, embora outras sejam inatas, sendo que estas últimas teriam sido colocadas por Deus em nosso espírito. “Não foram os sentidos quem nos gravaram estas ideias, porque estas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem são tácteis”. (AGOSTINHO, 2015, p. 250).

Existem dois movimentos da alma que são fundamentais e que definem as paixões (*perturbationes*): a alegria (*laetitia*) e a tristeza (*tristitia*). No livro XIV, cap. III da obra *A cidade de Deus*, Agostinho menciona que “[...] embora pretenda dar a entender que as quatro conhecidíssimas perturbações do ânimo, o desejo e o medo, a alegria e a tristeza, como fontes de todo pecado e de todo o vício, se devem ao corpo [...], nossa fé procede de outra maneira” (2012, p.162). Reflete sobre como o homem é capaz de lembrar especificamente de tais tipos de perturbações. Se cada vez que determinada lembrança e seu significado fossem resgatados na memória envolvendo tais perturbações, ninguém mencioná-las-iam, a fim de evitar reviver o que elas expressam. Há uma diferença entre o espírito e a memória: é possível do homem se lembrar com alegria uma memória triste ou vice-versa.

Agostinho deixa claro que a verdade e a felicidade lidam com a mesma realidade, ou seja, uma vida voltada para Deus Pai. O homem que tem sua vida vivida fora dessa realidade não sabe o que é a alegria verdadeira, tem uma vida em que se auto engana, vive uma falsidade. No livro X das *Confissões*, Agostinho diz que o homem só “será feliz quando, sem obstáculos nem perturbações, puder gozar daquela única verdade, fonte de tudo que é verdadeiro” (1997, p. 297). Todo o homem é capaz de alcançar a Deus (*homo capax Dei*). Entretanto, sua fragilidade afetiva o leva até mesmo a rejeitar o que é bom para si. É capaz de produzir um ofuscamento dos juízos, tornando-o incapaz de aceitar uma verdade que para qualquer observador é evidente.

Como saciar, então, a sede que o homem sente em seu coração? O homem vive sua vida buscando se autorrealizar através de coisas, pessoas, situações, oportunidades, mas há algo em seu coração que está mais adiante de até mesmo do próprio desejo. Nada do que o homem tem acesso sensível o preenche totalmente, sente um grande vácuo em seu ser e busca preenchê-lo. Nada o satisfaz de modo pleno, de forma definitiva. O Papa Bento XVI (2011) disse que “o vosso coração é uma janela aberta para o infinito”.

O homem busca alcançar o inalcançável. Busca aquilo que está no além homem, ou seja, a perfeição. Segundo Agostinho, a perfeição encontra-se naquilo que é transcendente ao homem, isto é, em Deus. Entretanto, o homem na sociedade atual em que se encontra busca aquilo que é sensível aos seus sentidos com o intuito de se satisfazer, mas ao se deparar com a realidade e que seus desejos nunca são saciados por completo e eternamente, ele se frustra.

Agostinho não fica a divagar sobre como encontrar a felicidade. É direto e muito claro. No livro X das *Confissões*, diz:

Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com qualquer alegria. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios mas só àqueles que desinteressadamente vos servem: essa alegria és tu mesmo. E esta é a felicidade: essa alegria sois Vós.

A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra, apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira. Contudo a sua vontade jamais afastará de alguma imagem de alegria... (AGOSTINHO, 2015, p. 262).

Agostinho assinala o caminho que permite ao homem ver a Deus, mas ver não significa conhecer. Nesse aspecto, apresenta a teoria da iluminação como perfeita condição para que o homem conheça a Deus. Em *Solilóquios*, diz:

Como no sol podem-se notar três coisas: que existe, que brilha e que ilumina, assim também no secretíssimo Deus, a quem tu desejas compreender, devem-se considerar três coisas: que existe, que é conhecido e que faz com que as demais coisas sejam entendidas. Ouso ensinar-te duas coisas, isto é, conhece-te a ti mesmo e a Deus (AGOSTINHO, 1998, p. 34).

Quando argumenta que conhecer a Deus não depende exclusivamente da razão natural nem dos sentidos, Agostinho reconhece que existe um limite epistemológico do conhecimento humano. Para que o homem reconheça a Deus, é necessário superar a deficiência humana e se incluir no caminho para o conhecimento perfeito da verdade. Um aspecto importante é que “o conhecimento de Deus precisa ser antecedido pelo autoconhecimento” (OLIVEIRA, 2013, s/p).

O homem, por vezes, encontra-se perdido e se sentindo inquieto na vida, sem saber o que fazer. Sente uma dor em seu coração e nada do que faz se resulta em repouso eterno. Agostinho conhecia muito bem essa dor e foi em Deus que encontrou repouso para o seu coração. No livro X, se demonstra apaixonado profundamente pelo seu criador e escreve:

Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! [...] Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém, me chamastes com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brilhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o suspirando por Vós. Eu vos saboreei, e agora tenho fome e sede de Vós. Vós me tocastes e ardi no desejo de vossa paz (AGOSTINHO, 2015, p. 265-266).

O desejo de Deus está escrito no coração do homem, pois o homem é criado por Deus e nunca irá parar de atrair o homem para si. É somente em Deus que o homem pode encontrar a verdade e a felicidade plena. No repouso do coração, a felicidade se estabelece. A felicidade parece estar mais íntima do interior do homem do que com o mundo externo a ele. “Podemos então concluir que nem todos querem ser felizes porque há alguns que não querem alegrar-se em Vós, que sois a única vida feliz? Não, todos querem uma vida feliz” (AGOSTINHO, 2015, p. 262).

### 3.3 A OBRA *SOBRE A VIDA FELIZ*

A obra *Sobre a Vida Feliz* é um diálogo em que Agostinho versa sobre a felicidade. Agostinho utiliza da alegoria da navegação para poder explicitar que a vida do homem nessa realidade é uma navegação em direção a uma terra firme chamada “vida feliz”. Ancorar nessa terra firme é muito raro e o máximo que o homem pode alcançar é o porto da filosofia. “Se o curso instaurado pela razão e a própria vontade conduzissem ao porto da filosofia, único através do qual se pode alcançar a região da vida feliz [...]” (AGOSTINHO, 2018, p. 07). O mar que é atravessado nessa navegação é o mundo, a realidade sensível em que o homem está com todas as coisas que estão ao seu redor, a navegação, portanto, é tentar dispersar-se, mover-se para outros lugares que o distanciam da terra firme, que é a vida feliz.

O homem é conduzido pela razão e impulsionado pela vontade. Todos querem ser felizes, mas o problema é que nem todos se conduzem pela razão. Essa alegoria foi apresentada anteriormente por Platão, onde a segunda navegação representava a filosofia e tinha como objetivo, alcançar as causas para além da física.

Nesse sentido, Agostinho afirma que existem três tipos de navegantes rumo à filosofia. O primeiro tipo de navegante são os que esperam chegar à idade da razão e, conduzidos por ela, se lançam no mar e alcançam, com determinação, o porto da filosofia.

[...] tendo alcançado a idade do uso da razão, com bem pouco ímpeto e poucos golpes de remo procuram se afastar do que lhe está próximo, refugiando-se naquela tranquilidade, onde erigem um sinal luminoso de alguma obra sua a fim de buscar atingir o maior número de outros cidadãos, para tentar atraí-los a si (AGOSTINHO, 2018, p.07-08).

O segundo tipo de navegante são os que se movimentam pela vontade, que

[...] ousam peregrinar para longe de sua pátria, e muitas vezes, acabam se esquecendo da mesma [...] considerando como próspero, acabam então penetrando na mais profunda das misérias, orgulhosos e contentes, pensando estarem sendo favorecidos até esse ponto pela serenidade falaz dos prazeres e das honras (AGOSTINHO, 2018, p. 08).

O terceiro tipo de navegante são os que se lançam pelo impulso da vontade, mas ele vai muito mais orientado pela lembrança da pátria original. Porém, não tem bases para se movimentar e se perde e, estando perdido, tenta fixar-se em qualquer coisa que encontra, pois ainda quer encontrar a vida feliz e, se algum dia encontra a vida feliz, ajuda os outros a chegarem.

Na obra *Sobre a Vida Feliz*, o primeiro caminho que o diálogo segue é entender o que é a felicidade. Felicidade é a posse de alguma coisa que faça o homem feliz, se sinta satisfeito. O problema é que não há felicidade em todas as coisas. Então a felicidade está ligada ao desejo de algo bom que possa satisfazer o homem. Se todo o ser humano busca por essa estabilidade, que é a felicidade, primeiro é necessário entender o que é a estrutura do ser humano, porque essa completude precisa alcançar todos os âmbitos humanos. Portanto, Agostinho conclui “existirem essas duas coisas, corpo e alma” (AGOSTINHO, 2018, p. 14). É na alma que está a completude que faz o ser humano feliz.

O ser humano necessita alimentar o seu corpo assim como deve também alimentar a alma. É no corpo que a alma habita. Agostinho faz uma analogia em relação à alimentação do corpo e da alma. O corpo pode ser alimentado por alimentos saudáveis e, assim, sua estrutura é sustentada. A alma também se alimenta de coisas saudáveis como o conhecimento, a virtude, a ciência. Segundo Agostinho, “[...] esse alimento seria a ciência? Perfeitamente, disse minha mãe. Não creio haver outro alimento para a alma do que a inteligência das coisas e também a ciência” (2018, p. 14-15). Porém, a alma também pode se alimentar de coisas que não são saudáveis para si, como os vícios, os males, de coisas que preenchem a alma, mas que a corrói por dentro ou ainda pode não se alimentar e adoecer, como afirma Agostinho (1998, p. 126) ao dizer que, “[...] do mesmo modo como o corpo, privado de alimento, fica exposto a doenças e reações malignas decorrentes de sua inanição, assim o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências”. O estágio extremo da má alimentação ou não alimentação é a inanição, onde o corpo morre e a alma se afasta da vida eterna.

Se a alma necessita de um alimento saudável para que se sinta saciada, o que há na existência que é completo e que sustenta a alma? Agostinho afirma que “[...] quem possui Deus é feliz” (1998, p. 131). A alma que possui Deus, possui a felicidade. Mas qual o homem que possui Deus? Quem vive bem e obedece a Deus possui em si um espírito puro, não existe dentro de si um espírito imundo (AGOSTINHO, 1998). Agostinho (1998, p. 142) conclui que “[...] quem busca a Deus o tem benévolo, e quem possui a Deus benévolo será feliz. Logo, é feliz também aquele que está em busca de Deus”. Afirmar isso é contraditório. Não se pode buscar uma coisa e possuí-la ao mesmo tempo. Agostinho chega à conclusão que existem as pessoas que não

possuem a felicidade e os que a possuem. Dentre os que não possuem a felicidade, existem os não felizes e os infelizes.

Como Agostinho está em um banquete, faz o uso da metáfora gastronômica. Aqueles que são infelizes são os que não querem se alimentar, que negam o alimento e morrem por inanição. É um estado de indigência e não gozam do bem de Deus porque simplesmente não querem. “A indigência da alma (*animi egestas*) não é, portanto, outra coisa do que estultícia (*stultitia*). E essa é o oposto da sabedoria, como a morte o é da vida, e a felicidade da infelicidade” (AGOSTINHO, 1998, p. 149). Já aqueles que não são felizes, que não estão completos, mas desejam se completar, na metáfora gastronômica, são aqueles que reconhecem a fome e buscam o alimento. Esses estão no caminho de Deus. Se alimentam da graça de Deus, que não é ainda eterna por ainda estarem no caminho, mas que vai preenchendo. No último estágio, existem aqueles que são felizes, que comeriam o que precisavam comer e nunca mais se alimentariam. Esse último estágio é impossível enquanto o homem está nessa realidade, porque seu corpo necessitará de alimento para se manter e como a alma está unida ao corpo, isso se torna impossível.

A alma não consegue alcançar o estágio de possuir a Deus, porque Deus não é como uma coisa que se possa ter como propriedade. Agostinho afirma que o máximo que pode acontecer é de ser “um” com Deus depois da morte, na vida eterna. Como esse momento não chega enquanto a pessoa está nessa realidade, a saciedade, a felicidade por completo como estágio de estabilidade não é possível.

Portanto, o que é a vida feliz de fato? É aquela que a pessoa reconhece a sua necessidade, a sua ausência de alimento e esse alimento é Deus. Reconhecendo essa ausência, a pessoa busca-o a todo custo, entra no caminho d’Ele e busca fazer a sua vontade e retirar de si o espírito impuro. Com isso, a pessoa encontra repouso para si em sua vida, sacia sua fome e seu coração, que está em constante inquietude, repousa.

## **4 UMA LEITURA DO *COR INQUIETUM* A PARTIR DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR**

### **4.1 O CORAÇÃO INQUIETO NA ÓTICA DO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR**

Paul Ricoeur nasceu na cidade de Valence, França no ano de 1913 e faleceu na cidade de Châtenay-Malabry no ano de 2005. Foi criado em um berço de família protestante. Suas mais

importantes obras são *A filosofia da vontade, Finitud y culpabilidad, O conflito das interpretações* e *A metáfora viva*. A fim de entender o mal e a culpa, o filósofo deve ouvir e interpretar os símbolos que representam a confissão que a humanidade fez de suas culpas; ou seja, deve compreender os mitos que veiculam símbolos como a mancha, o pecado, a culpabilidade.

Ricoeur identifica a inquietude como um conflito entre a racionalidade humana e os sentimentos que são interiorizados pelo homem. Dentro de si, o homem desvela uma força que o impulsiona a uma constante busca por sentido, tanto para o que está fora de si, no externo, quanto para o seu agir particular. Esse movimento é afetivo no sentido de o homem desejar conhecer. Na obra *Finitud y culpabilidad*, Ricoeur afirma que uma reflexão sobre a função universal do sentimento em relação ao saber é suficiente para estabelecer a possibilidade de culminar a antropologia de uma “filosofia do sentimento”. O significado do sentimento aparece na gênese do saber e do sentir.

O sentimento engloba uma infinidade de funções, como distúrbios emocionais, estados afetivos, paixões, etc. Sentimento e conhecimento são explicados um pelo outro: por um lado, o poder de conhecer cria os graus de sentimento e os liberta da confusão. É através do conhecimento dos sentimentos que o homem conhece seus sentimentos, aprende a como comportá-los em si. Por outro lado, o sentimento realmente cria a intenção de conhecer em todos os seus níveis. Ricoeur (2004, p. 101, tradução nossa) afirma que “É nessa gênese mútua que se constitui a unidade de sentimento [...]. O sentimento, portanto, nada mais é do que a manifestação da intenção implícita das intenções e pulsões”.<sup>3</sup>

Em *Finitud y culpabilidad*, Ricoeur afirma que, de fato, existem dois enfoques afetivos: o primeiro trata de atos isolados, finitos, comuns entre os homens e os animais, ou seja, o prazer, que busca suprir as carências humanas, os desejos superficiais e momentâneos, através daquilo que é imediato, como o sexo, como um alimento, etc. O segundo enfoque é o Éros, que vai além daquilo que é imediato, não se esgota através de algo parcial, mas está em constante necessidade, perseguindo constantemente a plenitude da felicidade, a beatitude (RICOEUR, 2004).

A íntima discordância desses dois enfoques afetivos é o que melhor pode expressar a polaridade do prazer e do Éros. É essa dualidade de fins que anima e regula a dualidade dos movimentos, dos apetites (*apetitos*) e aquilo que divide internamente o desejo humano (RICOEUR, 2004).

---

<sup>3</sup> En esta génesis mutua es donde se constituye la unidad del sentir [...].

O prazer está sujeito à crítica aplicada à perspectiva finita, quando só é reconhecida como perspectiva na intenção da verdade. O mesmo vale para o prazer, onde o Éros o revela como um “simples prazer”. Segundo Ricoeur (2004, p. 111, tradução nossa), “Esse desdobramento afetivo anuncia e inicia uma espécie de crítica imanente ao princípio do prazer [...], trabalhada pelo princípio da bem-aventurança”.<sup>4</sup> Para Ricoeur (2004), a chave dessa crítica está na própria perfeição do prazer. Somente assim a finitude do prazer pode se manifestar.

A perfeição do prazer na realidade sensível é finita. Dura apenas um instante, é precário, perecível, como os próprios bens cuja posse é o prazer manifestado em gozo. A ação humana aspira ao mesmo tempo a uma totalidade autossuficiente, onde irá proporcionar ao homem a beatitude, poderá gozar da felicidade. Na obra *Finitud y culpabilidad* (2004, p. 112, tradução nossa) Ricoeur afirma que “a permanência no prazer ameaça paralisar a dinâmica da atividade ali mesmo e ocultar o horizonte de felicidade”.<sup>5</sup>

Por meio dessa esquematização do sentimento, na obra *Finitud y culpabilidad* (2004), Ricoeur aponta o coração sendo tanto um órgão quanto um símbolo que pode ser chamado de “esquemas” de sentimento ontológico, ou seja, nele se encontram os esquemas interpessoais do ser-com, com os outros indivíduos com os quais o homem convive, como os esquemas supra pessoais de ser-para, o além do homem, o relacionar-se com o divino. Nestes esquemas, o coração se evidencia como um ponto oposto da inquietação. Ricoeur (2004, p. 121, tradução nossa) diz que “sua disponibilidade radical sempre se opõe à ganância do corpo e da vida”.<sup>6</sup> O homem é capaz de entregar a própria vida por aquilo que lhe proporcione plenitude.

O coração do homem é inquieto enquanto não experimenta o prazer de pertencer ao Ser, de se integrar na totalidade. Ao mesmo tempo, se angustia de não ser o Ser. É impossível para o homem garantir a sua vida a si mesmo. Ele reconhece que a sua vida é dom e, com isso, segundo Ricoeur (2004, p. 124, tradução nossa), “o homem é capaz de Alegria, de Alegria através angustia e pela angústia constitui o princípio radical de toda desproporção na dimensão do sentimento e fonte da fragilidade afetiva do homem”.<sup>7</sup> A esperança e a angústia escoltam o ser humano durante o decorrer de sua vida, dado isso, há a fragilidade afetiva.

---

<sup>4</sup> Este desdoblamiento afectivo anuncia e inicia una especie de crítica inmanete del principio del placer [...], trabajado por el principio de la dicha [...].

<sup>5</sup> la permanencia en el placer amenaza con paralisar allí mismo la dinámica de la actividad y con ocultar el horizonte de la dicha.

<sup>6</sup> su disponibilidad radical se opone siempre a la avaricia del cuerpo y de la vida.

<sup>7</sup> [...] el hombre sea capaz de Alegría, de Alegría por la angustia y a través de la angustia constituye el principio radical de toda desproporción em la dimensión del sentimiento y la fuente de la fragilidad afectiva del hombre.

## 4.2 A FRAGILIDADE AFETIVA SEGUNDO PAUL RICOEUR

Na obra *Finitud y culpabilidad*, Ricoeur aponta que a fragilidade é o nome que se toma, dentro da esfera afetiva, de desproporção, cujo estudo ocorre através do saber, do agir e do sentir. A fragilidade é a dualidade humana de sentimento. Um primeiro indício dessa fragilidade está na diferenciação entre o prazer e a felicidade, que coroa o desejo vital e o desejo intelectual. Se o prazer e o Éros se desdobram na forma de dois estilos de culminação, essa discrepância entre o prazer e a felicidade deve ser buscada na forma como as demandas terminam e culminam. Consequentemente, o modo como o *thymós* culmina revela sua posição instável entre o vital e o espiritual.

O *thymós* é o ardor, a coragem, a sede dos sentimentos, das emoções, das paixões, dos impulsos involuntários, das decisões<sup>8</sup>. É o próprio coração. Segundo Dodds (2002, p. 24), “Ele pode ser definido, grosso modo, e em termos genéricos como um órgão de sentimento”.

Portanto, onde as demandas de posse, domínio e opinião realmente terminam? Ricoeur responde a essa questão dizendo que “[...] a tripla exigência em que ele se busca nunca acaba; enquanto o prazer é uma espécie de repouso temporário [...], e enquanto a bem-aventurança seria por excelência um repouso duradouro, o *thymós* é inquieto”.<sup>9</sup> (2004, p. 143, tradução nossa). O coração é essencialmente o que está inquieto dentro do homem. Como afirma Ricoeur, “Entre a finitude do prazer, que fecha um ato bem definido e o sela com seu repouso e a finitude da bem-aventurança, o *thymós* desliza para o indefinido e, com ele, ameaça acarretar uma busca sem fim” (RICOEUR, 2004, p. 143, tradução nossa).<sup>10</sup>

A fragilidade do sentimento, que primeiro foi revelada como disparidade entre o prazer e a felicidade, se resume, em meio termo, na indeterminação do coração. É necessário ir mais longe. O *thymós* não está situado apenas entre o vital e o espiritual, mas é o “misto”. Ao mesmo tempo que sofre atração daquilo que é vital, como a sexualidade, também sofre atração daquilo que é espiritual. Desse modo, desenha-se um novo “misto”, onde reconhecer a trama afetiva das grandes paixões não seja algo ilegítimo. Segundo Ricoeur,

[...] a escravidão das paixões é a modalidade degradada da vida apaixonada; o sofrimento do fascínio, do cativo e da dor seria incompreensível se a alienação apaixonada não coincidissem com uma grandeza original, com um impulso, com um movimento de transcendência, do qual pode haver ídolos de felicidade. [...] Portanto,

<sup>8</sup> Cf. Silva, 2010, p.60.

<sup>9</sup> la triple demanda en la que se busca a sí mismo nunca culmina; mientras que el placer es una especie de reposo provisional [...], y mientras que la dicha sería por antonomasia un reposo duradero, el *thymós* está inquieto.

<sup>10</sup> Entre la finitud del placer, que clausura un acto bien delimitado y lo sella con su reposo, y lo infinito de la dicha, el *thymós* desliza algo indefinido y, con él, la amenaza que conlleva una búsqueda sin fin.

a paixão deve estar ligada ao desejo de felicidade e não ao desejo de viver; na verdade, o homem põe toda a sua energia, todo o seu coração na paixão, porque o tema do desejo se torna tudo para ele; que “tudo” é a marca do desejo da felicidade: a vida não quer tudo; a palavra “tudo” não tem sentido para a vida, mas para o espírito: o espírito é aquele que quer o “tudo”, aquele que pensa o “tudo” e aquele que só descansaria no “tudo” (2004, p. 147, tradução nossa).<sup>11</sup>

A paixão também não é uma expectativa vaga de felicidade. Dessa representação afetiva da felicidade no *thymós*, a paixão tira todo o poder organizador, toda a sua ação energizante, pois, por um lado a paixão recebe do Éros toda a sua capacidade de entrega, mas, por outro lado, retira do coração toda a sua inquietação.

Ricoeur (2004) afirma que a função universal do sentimento é unir o que o conhecimento separa. Faz a dualidade da razão e da sensibilidade, que encontrou um ponto de descanso no objeto, mostra o ego em duas aspirações afetivas fundamentais: a da vida orgânica, que se realiza na perfeição instantânea do prazer, e a da vida espiritual, que aspira a integridade para a perfeição da bem-aventurança.

Ricoeur aprofunda a noção de coração. Recorre à imagem do coração inquieto de Agostinho como um contexto da antropologia filosófica apresentada em sua obra *Finitud y culpabilidad*. Ricoeur (1969, p. 334) afirma que a filosofia reflexiva “[...] é uma filosofia do sujeito, mas não necessariamente uma filosofia da consciência. Uma filosofia em que a questão do sujeito é a questão central. Uma filosofia em que a questão: “Quem é aquele que fala?” é a origem em direção à qual nós remontamos”.

O homem não pode ser considerado intermediário ao colocar a sua existência entre o ser e a nada. O homem é intermediário em si mesmo. É intermediário porque é misto e é misto porque opera mediações. O seu ato de existir é um ato de operar mediações entre todas as modalidades e todos os níveis da realidade dentro e fora de si mesmo (RICOEUR, 2004).

Por fim, a relação entre o prazer e o *thymós* parece ser a resposta de Ricoeur para pensar essas duas realidades que, à primeira vista parecem distantes e opostas, mas que ambas estão entrelaçadas na realidade do ser humano e fazem com que seus sentimentos sejam compreendidos. Estarão presentes na vida do homem em toda a sua existência.

---

<sup>11</sup> [...] la esclavitud de las pasiones es la modalidad degradada de la vida apasionada; el padecer de fascinación, de cautiverio y de dolor resultaria incomprensible si la alienación pasional no incidiese con una grandeza originaria, con un impulso, con un movimiento de la transcendência, a partir de los cuales puede haber ídolos de la dicha. [...] Por consiguiente, hay de vincular la pasión con el deseo de felicidad y no con el deseo de vivir; en efecto, el hombre pone en la pasión toda su energía, todo su corazón, porque un tema de deseo se convierte para él en todo; esse todo es la marca del deseo de felicidad: la vida no quiere todo; la palabra todo no tiene sentido para la vida, sino para el espíritu: el espíritu es el que quiere el todo, el que piensa el todo y el que sólo descansaría en el todo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no coração do homem que podemos encontrar a origem de sua inquietude. Como apresentado anteriormente, a inquietude sempre esteve presente no homem e como tentativas frustradas de poder se satisfazer, o homem se encontra desorientado. A leitura das *Confissões* não é propriamente uma história apenas do coração de Agostinho, mas também de cada ser humano, bem como foi demonstrado no caminho histórico-existencial percorrido. Desse modo, foi possível realizar uma investigação acerca da inquietude presente no coração do homem e aplicar um sentido para que possa ser compreendida em todo o decorrer da história.

Para isso, o pensamento de Paul Ricoeur leva à conclusão de que, em um primeiro momento, a inquietude presente no coração do ser humano é um conflito entre a racionalidade enquanto organização interna da personalidade e os sentimentos interiorizados. Quando afirma que existem dois enfoques afetivos, Ricoeur está demonstrando que a discordância é o que melhor pode expressar, no homem, a perfeição do prazer e o Éros. Essa dualidade dos apetites do ser humano se faz presente em seu dia-a-dia e culmina na ação humana. Desse jeito, a totalidade dos sentimentos do homem o levam para uma ampla visão de experimentos, sentimentos, paixões, prazeres e desejos.

Sendo assim, Ricoeur aponta a fragilidade afetiva do homem como sendo a inquietude presente em seu coração, onde a finitude do prazer e a finitude da bem-aventurança acarreta uma busca sem fim para a sua realização, sua satisfação pessoal. A inquietude se apresenta ao homem como uma característica do ser criado, ou seja, do homem enquanto criatura como movimento e direcionamento de um ser que não alcança a plenitude em sua forma, mas em geral, a busca incansavelmente.

Sendo assim, o repouso é a plenitude da comunhão do homem com seu Criador e fim último. É nele que o homem consegue repousar seu coração inquieto, no seio originário, onde se encontra em estado de beatitude, mas sem perder a sua unidade e particularidade. A inquietude é um modo de atuação do coração do homem, que tende a ordenar e colocar todas as coisas no lugar que lhes compete. A inquietude é sinal da tendência de reunificação do homem enquanto criatura com o seu Criador e com aquela plenitude que o atrai, como “Beleza tão antiga e tão nova”.

No mundo contemporâneo, período de muitas desordens e desconhecimento do homem acerca das possibilidades de ser homem, as várias inquietações filosóficas de Agostinho podem devolver ao homem seu *cor inquietum*. O que resta ao coração inquieto é desejar e buscar a paz,

a felicidade. A fragilidade afetiva demonstra a dualidade do sentimento humano como indício de diferenciação entre prazer e felicidade, que busca a harmonização.

Portanto, frente à problemática apresentada nessa pesquisa, a resposta para a pergunta “como compreender a inquietude do coração do homem; até que ponto essa problemática é relevante para o homem de hoje e os possíveis caminhos para uma experiência de plenitude?” pode ser obtida através da própria análise do coração do homem, que está em constante inquietação, e isso é algo característico do ser humano, que sempre está em uma busca de poder sentir-se realizado. Contudo, o intuito dessa pesquisa foi de abordar e elencar algumas características presentes no homem, pois são aspectos importantes e de grande relevância. Ainda há um campo vasto para ser trabalhado e discutido, e aqui fica o incentivo para aprofundar na temática.

## REFERÊNCIAS

ANDREATTA, Danilo. **A inquietude do homem segundo Agostinho**: um estudo do tema nas *Confissões*, livros I, VIII e X. 2014. 75f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, São Paulo, 2014.

Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124455/000838194.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Sobre a vida feliz**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. **A verdadeira religião; O cuidado devido dos mortos**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cidade de Deus: contra os pagãos**. V. 2. Tradução: Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios e a vida feliz**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Santo-Agostinho-Soliloquios-e-A-Vida-Feliz>>. Acesso em: 27 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **O livre arbítrio**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2019.

BERMON, E. A teoria das paixões em santo Agostinho. In: \_\_\_\_\_. **As paixões antigas e medievais**: teorias e críticas das paixões. Tradução: Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Loyola, 2008.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. Tradução: Raimundo Vier. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. Tradução: Vera Ribeiro. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO, 2010, Rio de Janeiro. **Thymós e psykhé nas obras homéricas**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/263855317\\_THYMOS\\_E\\_PSYKHE\\_NAS\\_OBRAS\\_HOMERICAS](https://www.researchgate.net/publication/263855317_THYMOS_E_PSYKHE_NAS_OBRAS_HOMERICAS)>. Acesso em: 16 nov. 2021.

DE MORI, Geraldo; DELGADO, Raúl S. S. A antropologia do coração inquieto: uma leitura do termo coração nas Confissões de Santo Agostinho à luz da filosofia de Paul Ricoeur.

Pensar – **Revista Eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em:

<<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4638>>. Acesso em: 25 maio. 2021.

DODDS, E. R. A apologia de Agamenon. In:\_\_\_\_\_. **Os gregos e o irracional**. Tradução:

Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002. Disponível em:

<<http://library.lol/main/40DB0BFAD7876AA4410A3448E5A63799>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

MINAYO, Maria C. de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In:\_\_\_\_\_.

**Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 09-30.

OLIVEIRA, J. Evangelista de. **Santo Agostinho**: a busca da verdade e a descoberta da felicidade. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAPA BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI**: encontro com os jovens da diocese de San Marino-Montefeltro. 16/06/2011. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/june/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20110619\\_giovani-san-marino.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20110619_giovani-san-marino.html)>. Acesso em: 30 maio 2021.

PLOTINO. **Enéada VI**. Tradução: Bernardo Lins Brandão. Petrópolis: Editora Paideusis, 2020. Disponível em: <<http://library.lol/main/983514323D244A3F93E3E48AEAA3927D>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 2017. V. 1.

RICOEUR, Paul. **Finitud y culpabilidad**. Tradução: Cristina de Peretti, Júlio Díaz Galán e Carolina Meloni. Madrid: Trotta, 2004.

\_\_\_\_\_. **O conflito das interpretações**. Tradução: M. F. Sá Correia. Porto: RÉS, 1969.